

Por uma cultura visual da ciência

For a visual culture of science

O minidossiê História, Imagem, Ciência & Cultura tem como objetivo trazer a público uma análise do papel cultural da ciência no mundo ocidental, enfatizando suas formas de divulgação e de difusão. Tal empreitada faz coro ao movimento mais recente da historiografia de não considerar o desenvolvimento das ciências tão somente com base na demarcação entre ciência e não ciência, ou, segundo Thomas Gieryn, entre o “analítico (teorizações) e o prático”¹, mas de buscar uma apreensão a partir das práticas e dos jogos de acomodação/negociação que propiciam sua circulação.

Com uma proposta integradora, centrada na temática de cultura visual da ciência construída no tempo histórico, o minidossiê reúne trabalhos que discutem a utilização de imagens e os diferentes contextos de visibilidade, suas práticas representacionais e objetivação do conhecimento, procurando reconhecer, valorizar e (re)significar as relações constituintes entre imagem e produção do conhecimento.

A organização deste minidossiê está atrelada ao fato de que a historiografia das ciências contemporânea apresenta-se, ainda, devedora de análises sobre a influência das imagens nas ações educacionais e no meio de divulgação da ciência. Como toda imagem, a representação gráfica do conhecimento (ideograma) fala do seu tempo e para ele, assim como nos coloca diante de “símbolos, que representam certamente a concepção da época, mas não a forma fiel à natureza – que corresponde à nossa concepção”.² Sua condição de protagonista documental é o ponto de partida para os textos que se seguirão aqui.

As discussões relativas às representações visuais sobre o corpo monstruoso couberam a Palmira Fontes da Costa, no artigo “O lugar das imagens na percepção e entendimento do corpo monstruoso, 1550-1750”. A autora visita a literatura teratológica dos séculos XVI a XVIII, a qual concebe as formas de divulgação das imagens e, a partir delas, o poder das transformações do entendimento médico sobre os corpos monstruosos. Ela ressalta, então, a importância dos estilos e convenções pictóricas utilizados, bem como a circulação das imagens, apropriações e compilações que permitiram o êxito dessas obras.

O texto de Irina Podgorny “Las extinciones históricas: la vaca marina de Steller: el poder de las imágenes y el problema de la evidencia en la zoológica del siglo XIX” examina as imagens da vaca marinha de Steller (*Rhytina stelleri*), um animal extinto. A autora percorre os caminhos da evidência zoológica, mostrando-nos como a imagem desse animal viajou, perdeu-se, foi copiada e retornou ao ponto de partida através de uma rede composta por diversos agentes. Com refinamento, aborda a estreita relação entre imagens e a produção do conhecimento. Entre o ver, ouvir e interpretar de homens de ciência, nativos e comerciantes, ela nos dá a oportunidade de experimentar um movimento em que as imagens são tomadas em si e produzem também “outras realidades”.

¹ GIERYN, Thomas. Boundary-work and the demarcation of science from non science: strains and interests in professional ideologies of scientists. *American Sociological Review*, v. 48, n. 6, dez. 1983, p. 781.

² FLECK, Ludwik e CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico: introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 40.

Na sequência, como parte de sua pesquisa sobre exposições, Alda Heizer se debruça sobre a temática das exposições universais em “Comemorar para não esquecer: Exposição de Paris de 1889”. A autora discute a permanência da Revolução Francesa em textos e imagens e nos mostra como o evento pretendia conservar ideais da civilização, francesa, tomando como referência a celebração da liberdade, igualdade, trabalho e os avanços científicos. Assim, as imagens do progresso veiculadas convertem-se em lugares privilegiados para a comemoração e seu correlato “não esquecer”.

Marco A. Cornacioni Sávio, por sua vez, tem por foco a divulgação da ciência no trabalho “Divulgação científica, imagem e modernização: o papel da *Revista Politécnica* na definição das instituições de ciência em São Paulo”. As imagens veiculadas no periódico discente, fundado em 1904, são interrogadas por esse historiador como divulgadoras da ciência e por seu caráter político, de transformação e respostas aos discursos de progresso da elite paulista no início do século XX. A história da revista, bem como da instituição à qual se vincula – Escola Politécnica – evidenciam os instrumentos e estratégias de valorização dos quais lançaram mão. Desse modo, ao mesmo tempo em que construía uma imagem de ciência, a revista se inseria nos destinos de uma cidade que vislumbrava a modernidade, revelando, portanto, sua importância capital no tratamento quase terapêutico do espaço urbano e das políticas públicas.

Pensamos que textos como os inseridos no minidossiê História, Imagem, Ciência & Cultura são suficientes para justificá-lo. Afinal, as imagens produzidas pela e para a ciência são mais que meros produtos dessa atividade tão presente em nossas vidas; elas iluminam processos históricos, as metáforas do poder; apresentam e validam o conhecimento, a política e a cultura.

Valéria Mara da Silva
Paloma Porto
Organizadoras do minidossiê